

3.1.4 A importância da leitura no processo de escolarização – a família e a escola

S. DOS SANTOS

Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro

C. RODRIGUES. Doutora em Letras. Orientadora e Coordenadora da Área da Educação do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

COMO CITAR O ARTIGO:

SANTOS, S.; RODRIGUES, C. **A importância da leitura no processo de escolarização – a família e a escola**. URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.11, n.2, p. 110-130, abr/2021

RESUMO

O desenvolvimento da leitura deve ser despertado desde muito cedo e a participação familiar é de suma importância neste processo. Quando esse contato inicial com o mundo da leitura não acontece, é interessante que a escola inicie esse trabalho. Mas é pertinente que ambos trabalhem em conjunto para o que o desenvolvimento da criança seja ainda mais efetivo. No Brasil há pelo menos 11 milhões de analfabetos e este cenário mostra o quão difícil pode ser a inserção de uma criança no mundo da leitura. Porém, há algumas estratégias que podem contribuir para o sucesso no encorajamento a prática da leitura, fazendo com que esse dado alarmante não seja empecilho para a formação de um cidadão crítico.

Palavras-chaves: leitura – infância – escola – família

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo ressaltar a importância da leitura na vida das crianças desde muito cedo. E como objetivos específicos: descrever a importância dos livros infantis e o que proporcionam (a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento social e emocional das crianças), sendo assim, é possível compreender como a família e a escola podem contribuir para sua formação social, emocional e cognitiva.

Uma das grandes preocupações dos professores é contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O desafio se torna ainda maior com as grandes transformações ocorridas na sociedade com o advento da tecnologia e o próprio mundo em que a criança está inserida hoje. Mudaram-se as formas de ensino da leitura, da escrita, da linguagem oral e visual. Sendo assim, é necessário que os professores busquem conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita, fazendo com que a literatura infantil influencie de maneira positiva este processo.

Infelizmente, o acesso à leitura pode não ser tão fácil devido a realidade brasileira na maioria das famílias, devido à baixa formação educacional e menor poder aquisitivo. Porém, para a criança, o aprendizado da leitura é a ocasião essencial para o início de novas descobertas e possibilidades. Com isso, é imprescindível que a escola, em conjunto com a família, estimule o hábito da leitura na criança. Isto é o que vai fazer com ela se torne autônoma seja intelectual ou socialmente e desafie e ative sua capacidade de mudar e compreender

o ambiente em que vive. A leitura deve ser inserida como uma prática de lazer e cultura proporcionando elementos que chamem a atenção de forma prazerosa e divertida.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste artigo, deu-se a partir de uma breve e simples pesquisa bibliográfica, onde foram utilizados textos e livros de autores renomados como por exemplo, Fernando Azevedo, Vygotski e tantos outros, que abordam temas como a prática da leitura, sendo fator importante na formação de leitores autônomos e capazes de pensar suas ações no meio em que vive. Houve também a seleção de sites, que relatam estatísticas referentes à leitura e foram realizadas pesquisas teóricas sobre o tema abordado, procurando refletir as relações sobre a influência e incentivo à leitura.

3. DESENVOLVIMENTO

O que é Leitura?

Para que se entenda o que é leitura cabe à pesquisa o seu sentido da palavra: *substantivo feminino* **1.** O que se lê. **2.** Arte ou ato de ler. **3.** Conhecimentos adquiridos com a leitura. Etimologia: latim tardio *lectura*, do latim *lectio*, *-onis*, escolha, eleição, leitura.

Ler é, antes de qualquer prévia interpretação, uma atividade criativa de percepção. Não se trata somente de compreender e entender o texto escrito para que haja a significação, se trata do caminho percorrido até a compreensão e entendimento dele. Martins (1994, p. 30) explica da seguinte forma:

(...)considerar a leitura como processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a escrito quanto a outros tipos de expressão do humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

A leitura se determina a partir de nossa história de vida, das experiências, dos conhecimentos que possuímos etc., para Martins (1994, p. 22):

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava, não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade.

A prática da leitura é de suma importância para o desenvolvimento do intelecto. Ler enriquece o aprendizado e amplia a capacidade interpretativa, pois mantém o raciocínio ativo, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo sobre diversos assuntos.

Seja como de contos, fábulas, Hq's, romances etc., todos esses recursos fazem com que as competências sociais e emocionais da criança sejam trabalhadas. Eles são fundamentais para desencadear e desenvolver a leitura.

Entretanto, é preciso atentar-se ao fato que quando uma criança lê ou ouve uma história, nem sempre, ela compreende o que está sendo lido. Para que ocorra essa compreensão é preciso que haja uma relação entre autor e leitor. Por parte do autor porque ele, quando escreve, na maioria das vezes, tem intenções, sejam elas somente de escrever, de como escrever ou do porquê escrever. E, por parte, do leitor, porque dele espera-se entendimento sobre o que foi escrito e sobre as inferências inseridas no texto. Sendo assim, a compreensão

não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais (Marcuschi, 2008, p. 233).

Para Marcuschi, a compreensão pode ser dividida em duas teorias: decodificar códigos e inferir. A decodificação se dá quando leitor transforma os desenhos, curvas, retas que compõem as letras em sons falados ou cria uma imagem mental do som. Já a inferência na leitura é quando o leitor deduz informações implícitas do texto através de conhecimentos prévios e conhecimento do próprio texto. Marcuschi (2008, p. 237) diz:

Temos as teorias da compreensão como decodificação, baseadas na noção de língua como código e, aquelas baseadas na noção de língua como atividade, tomando a compreensão como inferência. De um lado está a perspectiva de uma semântica lexicalista, uma noção de referência extensionalista na relação linguagem-mundo e uma concepção de texto como continente. De outro lado, está uma noção de língua como atividade sociointerativa e cognitiva, com uma noção de referência e coerência produzidas interativamente.

Para o linguista, a compreensão por decodificação é mais individual, mais objetiva e para a construção do sentido é preciso autonomia, os textos seriam portadores de significações e conteúdos objetivos por eles transportados e nós, como leitores, teríamos a missão de aprender esses sentidos ali objetivamente instalados. Já a compreensão por inferência é uma ação sociointerativa e colaborativa, ao invés usar a língua como instrumento, ela é usada como atividade interativa. O processo de compreensão ocorre como uma construção coletiva e fala-se muito nos conhecimentos pessoais do leitor. O maior desafio da inferência é explicar a suposição de expectativa de partilhamento de conhecimentos. Para Marcuschi a compreensão por

decodificação e por inferência não são antagônicas, elas podem até apresentar pontos de contato. (Marcuschi, 2008).

Diante disso, entende-se que a leitura vai além de atividade de entretenimento ou resposta da pergunta “o que mais gosta de fazer?”. A leitura é prática, fruto de trabalho de várias partes do corpo e sentidos, olhos, cérebro, fala, entre outros.

A Prática da Leitura na Infância

A leitura acompanha a criança praticamente desde o seu nascimento, abre-lhe as portas para os mundos possíveis da textualidade e para as múltiplas viagens que ela será chamada a percorrer, criando-lhe as raízes para uma adesão frutificante à leitura da literatura e, naturalmente, também de outros textos. Interrogando práticas e estimulando o leitor a refletir, ela constitui um objeto fundamental para o próprio conhecimento do homem, da sua cultura e sistemas ideológicos. (Azevedo 2007)

Trilhar o caminho da leitura leva a criança a desenvolver a imaginação e suas emoções. O estímulo a leitura deve ser feito de forma agradável, de modo que ela conheça a si mesma e o mundo que a cerca.

Uma pesquisa apresentada no encontro anual da *Pediatric Academic Societies* (PAS) em 2015, mostrou que o estímulo precoce à leitura de fato influencia na atividade cerebral, mudando a maneira como o cérebro processa as histórias e aumentando as chances de formar um leitor ávido. O estudo contou com a participação de 19 crianças em idade pré-escolar, de 3 a 5 anos, sendo que 37% delas vieram de famílias de baixa renda.

Por meio de um questionário, foi possível medir quanto estímulo cognitivo era provido a cada uma das crianças. Os resultados mostraram que, quanto mais consistente era a exposição à leitura em casa, mais áreas cerebrais que suportam o processo semântico (isto é, de atribuição de significado a frases e palavras) foram ativadas pela narrativa. A pesquisa constatou ainda que o estímulo precoce se reflete fortemente no desenvolvimento das áreas cerebrais ligadas à elaboração de imagens mentais, que permitem à criança “ver” a história dentro de sua própria cabeça.

O processo de desenvolvimento da leitura tem como base o de desenvolvimento da linguagem, que começa muito antes da criança sequer saber o que é um livro. É de acordo com o amadurecimento de diferentes regiões cerebrais que o desenvolvimento da linguagem e de competências associadas vai se aprimorando. Assim, pode-se resumir o aprendizado da leitura em três fases distintas:

- **De 4 a 6 anos:** estágio visual. É um estágio de pré-simbolização, a criança reconhece números e letras pela forma, por seu símbolo gráfico, mas não pelo que significam.

- **De 5 a 7 anos:** estágio fonológico. A criança começa a associar os sons aos símbolos que já reconhece, se familiarizando com os sons das letras e identificando-os dentro de uma palavra. Nessa fase, ela começa a ler de forma lenta e silabada: “O pa-to pa-te-ta”, mas sem ser capaz ainda de interpretar plenamente.

- **De 6 a 9 anos:** estágio ortográfico. A criança já memoriza e reconhece palavras inteiras, o que torna possível realizar uma leitura mais dinâmica.

Ou seja, o estímulo à leitura é de absoluta importância, desde que seja prazeroso. Isso significa que, além de ter o cuidado de verificar se o livro é adequado à faixa etária, também é preciso que ele desperte

verdadeiramente seu interesse. “As histórias podem se tornar mais complexas conforme o amadurecimento intelectual. O termômetro é o interesse”, esclarece a coordenadora pedagógica de educação infantil Gisela Plombon, da Escola Dínamis (RJ).

O maior desafio é transformá-la em um ato prazeroso. A criança aprende mais a ler quando isso é transformado em algo lúdico”, completa a neuropediatra.

A Prática da Leitura na Escola

Quando estão na escola, geralmente, os professores indicam livros literários, com o rótulo da obrigatoriedade, uma exigência que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Com isso, o prazer da leitura é extinto e torna-se somente o peso do cumprimento da agenda do dia ou do fim de semana, conforme diz Geraldini (1984):

A escola reproduzindo o sistema e preparando para ele, exclui qualquer atividade ‘não-rendosa’: lê-se um romance para preencher uma ‘famigerada’ ficha de leitura, para fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre da recuperação (Você foi mal na prova? Castigo: ler o romance Z, até o dia D. Depois, férias...).

O entusiasmo pela leitura tem sido esquecido, não deixando que a criança faça descobertas mais pertinentes ao mundo da leitura, que descubra seu próprio eu e aqueles que a cerca. Para Geraldini (1984), é importante recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”.

É importante que na escola exista uma prática de uma leitura colaborativa, ou seja, uma leitura em que a criança e o professor leem juntos o mesmo texto e compartilhem suas impressões sobre o que foi

lido. Esta prática faz com que a criança encontre sentido no que está lendo e defina a leitura com base seu conhecimento prévio e desta forma encontre direção para novas leituras. Além disso, a leitura compartilhada, ajuda a criança no convívio social, pois com a ampliação de ideias será possível compreender sua própria interpretação sobre o texto lido e considerar o percurso que a outra criança trilhou para chegar a sua conclusão, gerando uma rede de novas ideias.

O ideal é criar ambientes em que as práticas de leitura sejam divertidas e lúdicas para a criança, fazendo com que ela produza memórias afetivas relacionadas estes momentos. A pedagoga, professora das oficinas de produção de textos em escola integral, Elisângela Maria Oyan, traz o seguinte pensar:

A reflexão crítica deve permear as práticas em sala de aula, a gestão da escola e o relacionamento entre todos os que estão envolvidos no universo escolar: alunos, família, professores, funcionários, gestores e a comunidade do entorno da escola. É por meio do diálogo entre todos esses segmentos que as ações de transformação, de libertação, precisam ser pensadas e praticadas. (50 olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido, 2019, p. 31)

O contato com a leitura, como dito anteriormente, inclusive na escola, traz muitos benefícios à criança. O “sentir” tem muita influência sobre o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e intelectual delas, isso inclui o cheiro, as texturas etc. A interação com a leitura também colabora para enriquecimento do vocabulário, da fala e do rendimento escolar. Outros benefícios que não podem deixar de ser citados são: estímulo a criatividade, aquisição de cultura, melhoria da escrita, encorajamento a imaginação, iniciação para atitudes éticas, entre muitos outros. É papel, também, da escola não se abster de tal função, a de levar suas crianças à prática contínua da leitura. Desta forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem a seguinte orientação:

(...) a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BRASIL, 2018, p.35)

Ainda de acordo com a BNCC, sabe-se que desde a mais tenra idade, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita, ou seja, são as primeiras experiências de vida da criança, que a preparam o conhecimento e impressões que norteiam seu futuro, isto acontece ao ouvir e acompanhar a leitura de texto e ao observar os que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar. Diante de todos estes fatos, a criança vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores (BRASIL 2018).

E nas Famílias?

A taxa de analfabetismo no Brasil, hoje, é de 6,6%, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2020, isto é, no país há ainda 11 milhões de analfabetos. São pessoas de 15 anos ou mais que, pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não são capazes de ler e escrever ao menos um bilhete simples.

Estes dados mostram que, corriqueiramente, muitas famílias não estão aptas a incentivar a leitura para suas crianças. Muitos pais não tiveram a chance de frequentar a escola ou a oportunidade de ter contato com um livro ou qualquer meio de leitura. Além disso, a prática da leitura não é algo comum entre as famílias brasileiras, sabe-se que a

média de obras lida por pessoa ao ano é de 4.96 e desse total, 2.43 são lidos em partes.

Destaca-se que o meio social onde a criança vive e se desenvolve é de grande importância para o sucesso da aprendizagem e melhora da leitura. Diante disso, sabe-se que existem famílias que desafiam os números das pesquisas e encorajam seus filhos desde bem pequenos a leitura, promovendo o hábito de ler em casa, seja de livros, jornais, revistas, Hq's etc., pois sabem que é papel fundamental das famílias este incentivo.

A leitura parental tem impacto positivo no aumento da capacidade leitora entre os 7 e os 11 anos de idade, no aprimoramento das habilidades de leitura aos 7 anos e na redução dos índices de repetência por volta dos 14 anos, é o que apresenta os dados da pesquisa de um centro de estudos no Reino Unido realizada em 2013.

A criança é imitadora daqueles que a cerca, portanto aprende e copia as ações das práticas que vivencia. Ela é reflexo daqueles com quem convive, logo se estes praticam a leitura, conseqüentemente, a criança irá absorver tal atitude. A grande vantagem desta experiência é a construção de vínculos e momentos em família, levando a um resultado efetivo para formação de uma sociedade mais justa e desenvolvida. O caderno da Política Nacional de Alfabetização (PNA) reforça que:

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal (Brasil, 2019, p. 23).

Fernando Azevedo em sua obra *Formar Leitores, das Teorias às Práticas*, sugere algumas estratégias para o compromisso com a leitura

em um deles é possível identificar a ideia da construção de uma “comunidade leitora”, onde encontram-se leitores reflexivos e interagentes, apreciadores do prazer dos livros e da literatura. Para ele, é importante o hábito da leitura partilhada com os adultos, em ambiente familiar, de textos recomendados pelo professor e/ou escolhidos pelos alunos a partir de baús literários presentes na sala de aula ou na biblioteca. (Azevedo 2007).

Na tentativa de incentivar a leitura em família, em 2019 o Ministério da Educação (MEC) criou o projeto “Conta pra Mim”. Com o propósito de promover a leitura no ambiente familiar utiliza-se a técnica de *literacia*, que consiste no conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas com a leitura e a escrita e sua prática produtiva. Dentro da *literacia familiar* – termo utilizado no Projeto – há estratégias que envolvem brincadeiras, cantigas, danças, interpretações, contato com a escrita, narração de histórias, entre outras. A intenção é de haja a aproximação entre a criança e a família, no ambiente em que vivem, conforme afirma o caderno da Política Nacional de Alfabetização (PNA):

Uma das práticas que têm maior impacto no futuro escolar da criança é a leitura partilhada de histórias, ou leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança; essa prática amplia o vocabulário, desenvolve a compreensão da linguagem oral, introduz padrões morfosintáticos, desperta a imaginação, incute o gosto pela leitura e estreita o vínculo familiar (Brasil, 2019, p. 23).

O que se destaca neste projeto é a gratuidade para a obtenção dos livros, pois, a falta de recursos para comprá-los é um dos motivos pelo qual não se lê muito no país. Os livros do Projeto Conta pra Mim são disponibilizados para *download* diretamente no site do programa, onde também é possível encontrar vídeos com informações sobre o

projeto e sua proposta. Além disso, o site conta com uma série de vídeos com histórias e cantigas narradas e interpretadas pelo cantor, compositor e violonista Toquinho.

Visando os familiares que não são alfabetizados ou que não sabem como incentivar a leitura, o Ministério da Educação (MEC) tem a pretensão de criar o Projeto “Cantinho Conta pra Mim”, que são espaços criados em creches, pré-escolas, museus e bibliotecas para receber as crianças e auxiliar os pais sobre a leitura em casa.

Muitas das estratégias aqui citadas são importantes para o encorajamento a leitura desde cedo. Há fatores que podem não colaborar, conforme citado neste tópico, mas por outro lado, há outras condições que contribuem para o desenvolvimento dos pequenos leitores e impactam positivamente em seu futuro, tornando-o um cidadão crítico, responsável e atuante na sociedade.

A Literatura Infantil

O papel da Literatura Infantil não é apenas de formar leitores, mas o convívio com ela pode oferecer às crianças, desde muito cedo, tudo o que elas precisam para descobrir não somente quem elas são, mas também quem elas querem e podem ser.

Azevedo (2007) em seu texto afirma que:

As crianças, pela sua ainda reduzida experiência de interação com textos, parecem encontrar na literatura infantil, independentemente do grau de inovação que os textos manifestem os lugares para uma iniciação à ludicidade e da surpresa, espera-se que esses textos auxiliem as crianças a desenvolver e a aprofundar a sua competência literária.

A inserção da Literatura Infantil na Escola não tem como motivação somente a alfabetização, pois, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil assegura às crianças possibilidades de experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (BRASIL, 2010, p. 25). O documento ainda complementa:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p. 18).

A Literatura Infantil é mais integral, ela promove o autoconhecimento da criança, a incentiva em sua curiosidade, ao questionamento sobre o mundo que a cerca e ao desenvolvimento crítico e social, como já tem sido dito neste estudo.

Vygotsky (1991) afirma que o aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança. O psicólogo explica esta ação pelo conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, isto é, a solução independente de problemas, e a solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes, respectivamente.

Após ouvir a história, a criança associa o enredo às imagens e com isso, é capaz de recontar a história, seguindo as ilustrações e tentando imitar a fala do adulto, desenvolvendo naturalmente a apropriação da linguagem escrita, seguindo o conceito da zona de desenvolvimento proximal, definido por Vygotsky. O que a criança é

capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã, ou seja, a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã. (VYGOTSKY, 1991).

Deste modo, a iniciação a literatura infantil, ocorre de forma agradável promovendo a ampliação da imaginação, das emoções e dos sentimentos. Este início se trata de uma leitura que chama a atenção sobre todo os aspectos da história, como por exemplo, a voz que a professora faz ao imitar o lobo, as páginas do livro *pop-up*, das cores, cada tipo ou modo de leitura, seja longo ou curto, promovendo uma ação dialógica entre a criança e o livro. Martins (p. 72, 1994) argumenta que:

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação: desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

Isto é o que acontece quando se lê contos de fadas, fábulas ou histórias de heróis, por exemplo.

Os Contos de Fadas e a formação do leitor

Era uma vez, uma princesa, um príncipe, um garoto, um sapo, uma rainha má, um castelo, uma fada. É assim que se começa um conto de fadas, o gênero literário mais rico de imaginação e fantasia que existe. Para Bettelheim (2002), os contos de fadas podem ser definidos como enriquecedor e satisfatório, pois eles ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apresentam soluções em qualquer sociedade. Este fato faz com que ocorra a formação da personalidade da criança, aumenta seu conhecimento de mundo e leva

para os personagens suas emoções. A criança sempre se espelha no personagem com quem mais se identifica.

Os contos de fadas auxiliam no processo ensino e aprendizagem da criança e as beneficiam tanto no presente quanto no futuro. Para isto, Bettelheim (2002), enfatiza a importância que tem a história ser cativante e envolvente para a criança leitora, além de despertar sua curiosidade para enriquecer sua vida, estimular sua imaginação, ajudando-a a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções.

Os contos de fadas representam para a criança o caminho de descobertas e as ajudam a compreender melhor o mundo que as cercam. Segundo Bettelheim (2002):

O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para elas. Uma criança confia no que os contos de fada dizem, porque a vida de mundo aí apresentada, está de acordo com a sua.

Os contos de fadas são simples e este fato atrai a criança fazendo com que ela se identifique com a história. Ali pode ser reconhecido um problema relacionado, muitas vezes, à sua realidade, como por exemplo, a orfandade da Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito familiar em Branca de Neve. É nesta hora que entram as “figuras mágicas”: fadas, bruxas, anões, heróis. Logo, a história termina, tornando a realidade em que os “mocinhos” vivem felizes para sempre.

Bettelheim (2002) diz:

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência

infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

Os contos de fadas podem fazer a criança organizar seu entendimento em relação a forma de julgamento que divide as personagens em boas ou más, bonitas ou feias, fortes ou fracas, este fato faz com ela compreenda sobre valores e o comportamento humano, desta forma há maior facilidade de conviver em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é mais do que fonte de entretenimento ou um *hobby*. A busca pelo entendimento e compreensão sobre o que está sendo lido é fundamental. Portanto, umas das ferramentas para tal prática é o conhecimento pessoal ou conhecimento de mundo, como se é conhecido, com ele há facilidade de entendimento, entretanto compreende-se que este processo é um ciclo que não para, pois para entender o que está sendo lido é preciso ter o conhecimento de mundo e para ampliá-lo é necessário que se leia.

A participação dos professores e gestão da escola é de grande relevância, pois é indispensável, a atuação em parceria com o aluno, a família e a comunidade no que se refere ao trabalho, árduo, que é incentivar e promover a leitura na sala de aula. Diante disso, é necessário afastar a obrigatoriedade do cumprimento do currículo e praticar mais a ludicidade, transformando a leitura num momento de diversão, mesmo que nas entrelinhas, tenha a que se pede no currículo. Há muitas barreiras e é preciso quebrar paradigmas, mas a escola é um dos lugares que não deve se abster da função de cuidar, também, do aluno.

O encorajamento da leitura deve a começar em casa, mesmo que da maneira mais simples, pois é no ambiente em que a criança vive que ocorre a fruição do que ela pode aprender. Desta forma, além de todos os benefícios que já foi descrito neste estudo, com estímulo à imaginação, o desenvolvimento de outras áreas é facilitado. Há um desenho animado canadense chamado "*The Backyardigans*", que em tradução livre é "O Jardim dos Amigos", neste desenho, cinco animaizinhos coloridos viajam para lugares imaginários e vivem grandes aventuras, no quintal de casa. Tudo se dá através da imaginação. O desenho é somente uma analogia com que foi estudado, mas é possível que com a prática da leitura constante desde a mais tenra idade, mesmo antes de ser alfabetizada, a criança possa viajar para outros mundos também. O papel da família é indispensável, mesmo quando não sabem ler ou não têm condições financeiras ou qualquer outro motivo. Para tanto, é necessário que haja, pelo menos o impulsionar desta prática.

Diante de todo o exposto neste estudo, fica claro que a leitura é o que forma a criança para ser o adulto que pode exercer um papel diferente nesta sociedade. A leitura desde cedo desenvolve, a leitura na infância ensina, a leitura de contos de fadas ajuda a criança a se conhecer e a leitura, seja ela de livro ou de mundo, ajuda a criança crescer.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Ministério da Educação. Brasília, 2017**

AZEVEDO, Fernando. **Formar leitores: das teorias às práticas**. 2: ed: Lulu Press, 2007.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16: ed: Paz e Terra, 2002.

GERALDI, J. W. **O texto em sala de aula: leitura e produção**. 3.ed. Campinas: Assoeste, 1984.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1999). Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: **BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.)**. **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização** /Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

Vygotski, L. S. **A formação social da mente**. 4: ed: São Paulo 1991.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, edição em português do Brasil para Kindle, junho 2011. Acesso em: 29/09/2020.

Por que parte da população ainda não têm o hábito de ler?

<http://edicaodobrasil.com.br/2018/10/26/44-da-populacao-brasileira-nao-pratica-o-habito-da-leitura/> Acesso em 02/09/2020 às 22:38.

Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> Acesso em 02/09/2020 às 22:19.

Estímulo precoce à leitura tem um impacto positivo na formação de novos leitores

<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Desenvolvimento/noticia/2015/06/estimulo-precoce-leitura-tem-um-impacto-positivo-na-formacao-de-novos-leitores.html> Acesso em 04/09/2012 às 23:15.

Impacto da leitura feita pelo adulto para o desenvolvimento da criança na primeira infância

https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/05/impacto-da-leitura-feita-pelo_1521054477.pdf. Acesso em 11/09/2020 às 22:00.